



## Capoeira não é nada disso

Mestre Almir

A Capoeira continuou assim, marginal e lendária, até que em 1937, atendendo a uma representação de mestre Bimba, da Bahia, Getúlio Vargas revogou a Lei Sampaio Ferraz, passando a permitir a Capoeira como manifestação folclórica.

A história da Capoeira de como ela começou, é uma história de liberdade, da liberdade do negro que vivia atado na escravidão. Mas quando eu comecei a jogar Capoeira eu não compreendia isso, eu comecei porque tinha uma necessidade grande de me afirmar, eu era um rapazinho brigão, vivia brigando lá em Itabuna, onde eu morava. Quer dizer, antes mesmo eu morava numa roça de cacau, meu pai era empregado lá. Mas lá eu não sabia nada, vim pra São Paulo por necessidade, procurar emprego, e foi aqui que comecei aprender Capoeira, faz muitos anos, com mestre Suassuna. Foi aqui em São Paulo e graças à Capoeira que eu aprendi a ser baiano. Porque eu vivia na roça e tudo que se pode imaginar de coco, embolada, tudo o que o pessoal da roça canta e dança, eu conhecia, mas lá a gente não dava valor. Tudo só era bom pra gente lá na Bahia quando vinha de fora, o que a gente ouvia no rádio, na televisão, tudo de São Paulo, ié-ié-ié, a moda, o pleiboísmo. Foi através da Capoeira que eu fui vendo o que significavam aqueles cantos do pessoal da roça, aqueles cocos que eles cantavam, metendo o machado nas matas para ganhar 2 contos e quinhentos por dia, naquele tempo, e eu hoje vejo a beleza que era aquilo, eles trabalhando e cantando 1a., 2a., 3., até 5a. voz, caras que nunca viram música, era apenas uma emoção que eles estavam manifestando, um jeito deles enfrentar melhor aquele tipo de trabalho. A Capoeira me ligou às raízes culturais do meu povo. Ela é primitiva, tem a dança, a música dentro dela, que nem tem dentro do povo. E através dela eu fui entrando também em contato com as outras coisas que são do povo. E vendo que nessas outras coisas também nada é de graça, que tudo o que é manifestação popular, tudo que o povo cria tem um sentido.

Então, enquanto eu fui aprendendo Capoeira, fui aprendendo a ver também a história dela, como ela nasceu, fui lendo a história da escravidão, e conhecendo que a história que eu tinha aprendido no primário, no ginásio, não contava tudo, e que as coisas não eram bem

como eles diziam, que a história não era coisa só de medalhão, que teve muita gente do povo que participou da libertação, da independência. E aí quando eu me formei na Academia de Capoeira de Suassuna, quando eu resolvi abrir a minha academia, a Capitães d'Areia, procurei estudar mais as origens, a evolução e as influências da Capoeira e a Capoeira passou a ser para mim uma verdade de vida, a verdade que ela é como manifestação da cultura de nosso povo. Então, por isso é que na nossa Academia nós vemos a Capoeira como luta, como defesa pessoal, mas também como um modo de manter vivo o jeito de ser do nosso povo.

A Capoeira tem sofrido muito, tem perdido muito no ensino dela, no que muitas academias estão fazendo com ela. Principalmente agora que muito mais gente está jogando, que ela tem sido muito divulgada, que a classe média tem procurado academias. Muitos mestres não estão preocupados em manter as raízes históricas da Capoeira e ensinam apenas como uma forma de luta, como se fosse um kung-fu brasileiro. Mas a Capoeira não é nada disso. É uma forma do povo negro oprimido se manifestar. Tá certo que a maioria das lutas, o karatê, o judô, todas elas começam mais ou menos como a Capoeira, como uma forma do mais fraco enfrentar o mais forte, sem armas, naquelas invasões que o Japão fazia à China, nas lutas dos pequenos reis. Mas com o tempo elas foram sendo tiradas do próprio povo. E hoje o karatê é o que é. E o que eu não admito, é que lutas como o karatê, o kung-fu, que são maravilhosas como lutas, mas para o pessoal lá do Oriente, que faz parte das raízes deles, mas que não tem nada a ver com nosso povo, venham servir de exemplo para nossos capoeiristas. Elas são jogadas pra nós pelo cinema, pela televisão, como uma coisa melhor, porque é de fora e tudo o que é de fora tem que ser melhor, é uma forma de invasão que é preciso combater. O karatê, por exemplo, é apresentável na sociedade, é bem lutar karatê é sadio, só vem beneficiar as pessoas cultas e inteligentes. E a Capoeira não é considerada assim. Sempre foi um negócio olhado de lado, meio sujo, coisa de marginais.

O que acontece é que a Capoeira nasceu da necessidade de liberdade dos negros, e era já desde o início um negócio reprimido pelos senhores de engenho, pelos brancos que não aceitavam a luta. Após a abolição, a Capoeira tornou-se uma forma de sobrevivência dos caras marginalizados, que se uniam e formavam as maltas, as maltas de Capoeira que assaltavam casas de nobres, roubavam dos ricos. Eram perigosíssimos. Por isso sempre foi um negócio malvisto. Nessa época a Capoeira era proibida, jogador de Capoeira, era preso e deportado pra ilha Fernando de Noronha. E mesmo depois de 1937, quando a lei foi liberada, continuou sendo jogada apenas pelo pessoal mais humilde, e a própria liberação dela era uma tentativa de acabar com ela, porque a Capoeira sempre foi acompanhada de uma verdade. Não tinha academia, não tinha escola pra se aprender Capoeira, o pessoal treinava nos matos, nos quintais, escondido. Você morava ali na zona de um capoeirista, ficava amigo dele, ele te ensinava os golpes, era

um negócio que ia passando na base de identidade de classe, na amizade. Era um segredo que as pessoas aprendiam e tinham que conservar se agrupando, treinando juntas, assim por diante. Não tinha organização, era natural, espontânea, nascia da necessidade de aprender alguma coisa para se defender, uma repetição da época dos escravos.